

Centrolobium tomentosum Guillem. ex Benth.

(araraúba, araribá, araribá amarelo, araruva)

Família: Fabaceae

Endêmica: sim²

Bioma/Fitofisionomia: Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica²

Recomendação de uso: Silvicultura

O araribá é uma árvore nativa da Mata Atlântica, com até 35 m de altura, flores amarelas, frutos alados e dotados de espinhos grandes e duros. É ótima para plantios mistos destinados à recomposição de áreas degradadas de preservação permanente. Sua madeira é utilizada para marcenaria, carpintaria e também na construção naval (fabricação de canoas).

Etnobotânica e Histórico

Usos específicos: produtos madeireiros (cabo de ferramentas, mourões, poste, obras hidráulicas, tacos, construção naval, carvão, lenha, carpintaria e marcenaria, móveis, tonéis), produtos não madeireiros (alimentação humana, ecológico, medicinal, substâncias tanantes)³

Características gerais

Porte: altura 5.0-35.0m DAP 20-100cm^{1,3}

Cor da floração: amarela^{3,4}

Amarelo alaranjado (CARVALHO, 2003); amarela (CESP, 1990).

Velocidade de desenvolvimento: Moderada, Rápida^{3,1,4,5}

O crescimento da araruva é moderado e rápido. Estimam 20 anos de idade, para densidade não superior a 400 plantas por hectare, incremento volumétrico médio anual de 20 m³/ha (CARVALHO, 1994; CARVALHO, 2003).

Persistência foliar: Decídua^{6,5,3,4}

Sistema radicular: Pivotante³

Formato da copa: -

Diâmetro da copa: -

Alinhamento do tronco: Reto¹

Superfície do tronco: Lisa¹

Tipo de fruto: Seco indeiscente (Sâmara)³

Cuidados

Poda de condução e de galhos: sim³

Pragas e doenças: Coleóptero *Oncideres dejeani* “serrador” danifica galhos novos.¹

Acúleos ou espinhos: -

Princípios tóxicos ou alergênicos: -

Drenagem do terreno: Áreas bem drenadas^{3,11}

Áreas bem drenadas e não alagáveis.

Ecologia e Reprodução

Categoria sucessional: Secundária inicial^{1,5,7}

Polinizadores: Provavelmente por abelhas (CARVALHO, 1994); especialmente por abelhas grandes, generalistas de voo longo e de alto de copa (MORELLATO, 1991).^{6,1,9}

Período de floração: dezembro a junho^{4,5,6,3}

Dezembro a junho (CARVALHO, 2003); março a maio (CESP, 1990); janeiro a março (MORELLATO, 1991; DURIGAN et al., 1997).

Tipo de dispersão: Anemocórica^{9,5,3,1,7,6}

Agentes dispersores: -

Período de frutificação: abril a outubro^{4,5,6,3,1}

Abril a outubro (CARVALHO, 1994; CARVALHO, 2003); agosto a setembro (CESP, 1990; DURIGAN et al., 1997); junho a outubro (MORELLATO, 1991).

Associação simbiótica com raízes: não¹⁰

Baixa ocorrência de micorriza arbuscular (MA).

Produção de mudas

Obtenção de sementes: Coleta de frutos na árvore ou no solo^{3,5}

A coleta deve ser feita quando a sâmara muda de cor, ficando para ou marrom escura, podendo coletar os frutos da árvore ou mesmo do chão, neste último caso é recomendado que a coleta seja

realizada semanalmente. A asa e os espinhos devem ser cortados para facilitar a semeadura e o armazenamento.

Tipo de semente: Ortodoxa⁷

Tratamento para germinação: Imersão em água, Escarificação mecânica^{5,8,3,7}

Recomenda-se deixar os frutos em imersão em água ambiente por 24 a 48 horas ou escarificação mecânica (MORI et al., 2012); imersão em água ambiente por 24 a 48 horas (CARVALHO, 2003); imersão em água à temperatura de 25°C por 48 horas (FOWLER; BIANCHETTI, 2000); imersão dos frutos em água por 2 horas antes da semeadura (DURIGAN et al., 1997).

Produção de mudas: Canteiros ou Recipientes individuais³

Devem-se semear os frutos em sementeiras, para posterior repicagem, ou em sacos de polietileno.

Tempo de germinação: 15 a 60 dias^{1,5,3}

Taxa de germinação: 75 a 90%^{5,1,7}

Número de sementes por peso: 120/kg^{5,7,1}

Exigência em luminosidade: Tolerante à sombra^{1,3,5}

Espécie heliófila, aceita sombreamento leve na fase juvenil (CARVALHO, 1994); germina, mas não se desenvolve sem presença de luz, formando banco de plântulas (CARVALHO, 2003; DURIGAN et al., 1997).

Dados madeireiros

Possui curva de incremento médio anual (IMA): -

Possui curva de incremento corrente anual (ICA): -

Bibliografia

¹ CARVALHO, P. E. R. Espécies florestais brasileiras: recomendações silviculturais, potencialidades e uso da madeira. Colombo: EMBRAPA – CNPF; Brasília: EMBRAPA – SPI, 1994. 640 p.

² KLITGAARD, B. B. Centrolobium. In: Lista de Espécies da Flora do Brasil. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: . Acesso em: 17 jun. 2013.

³ CARVALHO, P. E. R. Espécies arbóreas brasileiras. 1. ed. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2003. v. 1, 1039 p.

⁴ COMPANHIA ENERGÉTICA DE SÃO PAULO - CESP. Guia de coexistência da arborização com o sistema elétrico. São Paulo: Divisão de Tecnologia, 1990. 31 p.

⁵ DURIGAN, G.; FIGLIOLIA, M. B.; KAWABATA, M.; GARRIDO, M. A. de O.; BAITELLO, J. B. Sementes e mudas de árvores tropicais. São Paulo: Páginas & Letras Editora e Gráfica, 1997. 65 p.

⁶ MORELLATO, L. P. C. Estudo da fenologia de árvores, arbustos e lianas de uma floresta semidecídua no sudeste do Brasil. 1991. 176 f. Tese (Doutorado em Biologia) - Instituto de Biologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 1991.

⁷ MORI, E. S.; PIÑA-RODRIGUES, F. C. M.; FREITAS, N. P.; MARTINS, R. B. Sementes florestais: guia para germinação de 100 espécies nativas. São Paulo: Instituto Refloresta, 2012. 159 p.

⁸ FOWLER, J. A. P.; BIANCHETTI, A. Dormência em sementes florestais. Colombo: Embrapa Florestas, 2000. 27 p. (Documentos, 40).

⁹ YAMAMOTO, L. F.; KINOSHITA, L. S.; MARTINS, F. R. Síndromes de polinização e de dispersão em fragmentos da floresta estacional semidecídua montana, SP, Brasil. Acta Botanica Brasilica, Feira de Santana, v. 21, n. 3, p. 553-573, 2007.

¹⁰ CARNEIRO, M. A. C.; SIQUEIRA, J. O.; MOREIRA, F. M. S.; CARVALHO, D. de; BOTELHO, S. A.; JUNIOR, O. J. S. Micorriza arbuscular em espécies arbóreas e arbustivas nativas de ocorrência no sudeste do Brasil. Cerne, Lavras, v. 4, n. 1, p. 129-145, 1998.

¹¹ MARTINS, S. V. Recuperação de matas ciliares. 2 ed. Viçosa: Aprenda Fácil Editora, 2007. v. 1, 255 p.